CARLOS SELVAGEM
TEATRO COMPLETO

Com peças inéditas

introdução, pesquisa e análise crítica de DUARTE IVO CRUZ

II

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

ULFLCH000 72
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

CARLOS SELVAGEM
TEATRO COMPLETO

Com peças inéditas

II

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

OS TÁVORAS

(Tragicomédia em quatro actos e prólogo)

[1961]

PERSONAGENS

O Poeta
A Musa

El-Rei
Sebastião de Carvalho
D. Luís da Cunha
Duque de Aveiro
Marquesa de Távora
A Marquesa Nova D. Maria Teresa
D. Francisco, Marquês de Távora
Luís Bernardo Távora
Marquês de Alorna
Conde de Atouguia
Conde da Ribeira
Conde de São Lourenço
Sargento-mor Pedro Teixeira
Desembargador França
Cirurgião Soares Brandão
Álvares, Lacaio do Duque de Aveiro
Juiz Monteiro
O Intendente da Polícia
O Algoz
Um Secretário do Marquês de Pombal
Domingas, açafata da Marquesa Nova
Brízida, velha ama de Sebastião de Carvalho
Lacaios, Soldados, Um Esbirro

PRÓLOGO
E
PRIMEIRO ACTO

A acção decorre no ambiente neutro duma qualquer biblioteca-estúdio, em qualquer época. É uma vasta quadra, de altas estantes forradas de livros. Ao F. galeria sobreelevada, com teia de balaústres, rematada a meio em recanto e praticável da cena por três ou quatro degraus. À D. fogão de sala entre duas portas; e à E., entre outras duas portas, iguais, um tremó doirado encimado por alto espelho. A meio da cena, um vasto bufete, cadeiras diversas, um cadeirão de espaldar, tamboretes, mochos, bric-à-brac *de acaso. Diante do fogão uma poltrona moderna e uma mesinha baixa, com cinzeiros, livros, papéis e uma máquina de escrever. Arde no fogão um bom lume de lenha, cujo brasido é a única vaga claridade que vermelheja na sala, imersa em sombra...*

POETA E A MUSA

(O Poeta, em roupão de veludo vermelho, afundado na poltrona em frente do fogão, medita e fuma de cachimbo. Um silêncio. A Musa, de roupão claro, surge na galeria do F. da D. e debruça-se à balaustrada.)

MUSA — Ainda não achas tempo de descansar um pouco? Já tão tarde?

POETA — Não sossegarei, querida, enquanto não levar a cabo esta empresa.

MUSA — Mais uma noite em claro! Há horas nessa canseira!

POETA — Bem sabes que é sempre assim nas minhas horas de grande crise.

MUSA — E ainda o mesmo assunto? A mesma terrível história?

POETA — Terrível, sim! E bem difícil de contar no tablado dum palco. Mas sinto-a a referver-me no cérebro e nas veias, como uma febre.

MUSA *(indo buscar a máquina)* — E valerá a pena evocar tanta coisa cruel?... Fazer reviver a essas almas em pena a tragicomédia brutal em que perderam ou a honra ou a vida?

POETA *(erguendo-se da poltrona)* — Uma tragicomédia?... Talvez! Mas com a grandeza e a força das verdadeiras tragédias. É sob o mesmo sopro de sagrado horror e sob o mesmo signo da Fatalidade que se desencadeia a fúria das paixões, ao pretexto fútil dum escândalo de amores dum rei frascário com fidalgas da corte. E a derrocada em que, por fim, tudo se desmorona, traz ainda o selo das cóleras divinas, na expiação atroz dos grandes crimes da ambição, da inveja, da cupidez, da soberba. Aqui tens tu os materiais preciosos que a História me fornece. O resto é de minha conta e risco. Se a obra não resultar grande, a culpa será toda minha.

MUSA *(senta-se à máquina de escrever)* — Contanto que tudo seja rigorosamente histórico!...

POETA *(em lento passeio, pensando alto)* — E o que é em si mesmo a História senão a síntese enfadonha da absurda e trágica bufonaria em que desde Adão e Eva se desengonçam simiescamente os pobres títeres, que todos nós, homens, somos neste imenso palco do mundo? Resta-nos...

MUSA — A vossa missão de poetas, de a embelezarem um pouco.

POETA — Tola pretensão! Resta-nos, sim, o jogo de paciência de transpormos, em esquema, para as toscas tábuas dum palco, certos lances capitais da universal mascarada, os mais impressionantes e que mais cruamente demarcam as verdadeiras dimensões do Homem — o seu orgulho a sua miséria, causas irremovíveis do intérmino drama humano. É o que esta noite me proponho tentar.

MUSA — E sentes, ao menos, a força de reanimares para a Vida essas pobres almas na própria febre das paixões em que arderam?

POETA *(vibrando, inquieto)* — Humildemente o creio. Mas, por favor, preciso de reentrar no meu mundo de sombras, reencontrar-me a sós com essas sombras... Tu não podes ainda entrevê-las, mas povoam-me já toda a sala!

MUSA *(levanta-se, abandona a máquina)* — Não precisas então de mais nada, queres dizer?

POETA — Por enquanto só da solidão e silêncio da noite. Quando acabar de dialogar com espectros, chamar-te-ei! Vai tu descansar um pouco!

MUSA *(retirando)* — Dificilmente, agora!... *(Sai.)*

(O Poeta reacende o cachimbo, serve-se um brandy, *instala-se, acomoda-se na poltrona, a meditar. Um tímido luzeiro surge a um canto da sala, que mais adensa a obscuridade envolvente. E é nessa zona de luz que começam a mover-se e falar personagens do século* XVIII.*)*

I QUADRO

DUQUE DE AVEIRO E LACAIO ÁLVARES, QUE ACABAM DE ENTRAR PELA E.

DUQUE *(empertigado, junto ao bufete)* — Estão todos?

ÁLVARES — Chegaram já o sr. Marquês de Távora...

DUQUE — D. Francisco, o meu cunhado?

ÁLVARES — Ainda não, sr. Duque! Por enquanto apenas o sr. Marquês filho, mais os senhores Marquês de Alorna, Condes de Atouguia, da Ribeira e de São Lourenço.

DUQUE — Toda a ala aguerrida dos Távoras. Óptimo! Que entrem, entrem!... É uma pressa.

ÁLVARES *(abre uma porta, anuncia alto)* — Sua Ex.ª o sr. Duque d'Aveiro recebe V. Senhorias!... *(E deixa passar, curvando-se nunca vénia.)* Luís Bernardo, Alorna, Atouguia, Ribeira e São Lourenço.

DUQUE *(efusivo)* — Bem-vindos a esta casa, prezados parentes e amigos! *(Álvares retira.)* Há quanto tempo não tinha eu, Luís Bernardo, o gosto de te ver aqui também! E só é de lastimar que teus pais não sejam também já dos nossos!

LUÍS BERNARDO *(reservado)* — Melindres de família que bem sabe, meu tio! Eu é que venho já, por ser em mim mais forte o desejo de vingança.

DUQUE — Tudo se deve agora esquecer! Outro valor mais alto se levanta, como diz o Poeta. Teus pais, que meus cunhados são, não poderão alhear-se de negócio de tal monta. Sobretudo tua mãe, que é uma verdadeira Távora, grande senhora pelo nascimento, pelo coração e pelo espírito. *(Aos outros.)* Por nosso decoro e brios de linhagem, meus amigos, há que abatermos bandeiras, esquecermos ressentimentos, e como um só homem, unirmo-nos todos, na defesa dos nossos privilégios contra um rei emproado e nefasto.

ALORNA — Uma nova Fronda, como a de França!...

DUQUE *(um soberano desdém)* — Comparar ao grande Mazarino esse fidalgote da Rua Formosa seria dar-lhe demasiada importância!... Quase uma afronta! Visemos mais alto! *(Solene.)* Aqui vos convoquei, portanto, para tomarmos decisões sobre as atrocidades que desde o terramoto afligem este desgraçado país. Grandes do Reino, que todos somos, a nós compete intervir nos males que ameaçam a Monarquia!

SÃO LOURENÇO — O maior mal, sr. duque, ainda é a depravada escolha que el-rei faz dos seus ministros.

RIBEIRA — Mormente esse grosseiro Sebastião José!

ATOUGUIA — Homem ruim, de vil ascendência!

RIBEIRA — Daí lhe vem a grosseria dos modos e das feições.

ALORNA — Esse é realmente o grande inimigo. Sempre em Portugal a Monarquia foi paternal e clemente, mesmo quando justiceira. Só agora se faz, com ele, despótica e desumana. A bem do regime, há que eliminar-lhe a causa.

DUQUE *(socarrão)* — A bem do regime!?... Só com novo rei, meus amigos.

SÃO LOURENÇO — Nem tanto ao mar, D. José!... Aos olhos dum povo, habituado há séculos a respeitar os Braganças como pessoas sagradas, uma rebelião contra o rei seria um verdadeiro sacrilégio. Bastará privá-lo do seu anjo mau.

LUÍS BERNARDO *(torvamente)* — Tão ladrão é quem rouba como quem deixa roubar. Todo o poder desse Sebastião José lhe provém do valimento real.

ALORNA — Repito! Apeado esse, tudo mudaria!

DUQUE — Cair Sebastião José?! Só por morte do rei. É ele o responsável único.

RIBEIRA *(a L. Bernardo, Alorna e Atouguia)* — Prudência, manos! Lembrai-vos do Costa Freire e da sua Junta de Providência! Os melhores nomes da nobreza figuravam no seu projectado ministério.

ATOUGUIA — Sim! Se a conjura tivesse então ido avante, já decerto a estas horas esse infame Sebastião José estaria plantando couves na sua horta de Pombal.

LUÍS BERNARDO — Bem se ficou ele a rir pelas artes que teve de arrancar maiores poderes ao rei.

DUQUE — E que me importa a mim o rei?... De reis também eu venho!

SÃO LOURENÇO — Mas não é de aconselhar alçarmo-nos contra o trono. É o nosso melhor esteio.

ALORNA — E enquanto no governo dos Estados tudo apenas depender do bel-prazer do príncipe, só há que proceder por métodos mais subtis... Lembrou-se aqui já hoje o advogado Costa Freire...

ATOUGUIA — E depois o velho Oldenburgo! E o Diogo Mendonça, com o seu tremendo libelo! De que serviu?

ALORNA — Por não terem procedido com manha, convencidos de que havia ainda a liberdade das antigas cortes e de que a nobreza tinha ainda voz activa, todos presos, aviltados, degredados...

DUQUE *(incisivo)* — E à ordem de quem?

RIBEIRA — Do Sebastião José.

DUQUE *(implacável)* — Do rei! E por terem simplesmente ousado afrontar-lhe o ministro factotum, acusando-o de latrocínios e veniagas. Monarca indigno que se reconhece inepto para governar por si mesmo, como o fazia el-rei seu pai. *(Esquentando-se.)* Por isso o não pode já dispensar.

Cegamente se lhe entrega nas mãos de cúpido aventureiro, que tanto em Londres, como em Viena, foi apenas o ludíbrio de ambas as cortes.

ALORNA — Como é hoje em França a chacota dos mais esclarecidos filósofos.

LUÍS BERNARDO — Todo o seu mérito em Viena foi enfeitiçar uma donzela da corte, de vinte anos, sem fortuna, para ganhar as boas graças da Imperatriz da Áustria...

SÃO LOURENÇO — O mais alvar dos impostores.

RIBEIRA — Dos sacripantas, com fumos de fidalguia.

SÃO LOURENÇO — O pai inventou uma árvore de costado para caçar heranças jacentes.

DUQUE *(pedindo silêncio)* — Estamos pois todos de acordo quanto a esse ignóbil sujeito. Mas eu e aqui o nosso Luís Bernardo vamos mais longe, por vermos o mal mais fundo. Convém portanto avistarmo-nos mais vezes, para nos concertarmos neste importantíssimo negócio. *(A Luís Bernardo.)* E não podemos dispensar a aliança e a presença de todos os Távoras. De tua mãe, sobretudo, por quem nutro a maior admiração e respeito...

LUÍS BERNARDO *(reticente)* — Uma carta vossa, a apresentar-lhe desculpas, bastará...

DUQUE *(resignando-se)* — Seja! Sacrificarei interesses bem legítimos... Mas o que lá vai, lá vai. E a bem desta pobre pátria... agora farei essa carta que tu hoje mesmo lhe levarás.

LUÍS BERNARDO — Gostosamente, meu tio!

DUQUE — Passemos então à sala de mesa, que boas horas são de merendar. *(Senta-se ao bufete e experimenta as penas de pato.)* E vão indo, amigos! Enquanto eu aqui faço a carta!

(Vão saindo todos. O foco de luz extingue-se. Na obscuridade total da sala fica apenas o vulto do Poeta, na sua poltrona, batido pelo vago clarão do brasido, a meditar. O halo luminoso reacende-se noutro recanto da sala.)

II QUADRO

(A Marquesa nova, D. Maria Teresa, sentada em frente do tremó, arrebica-se e empoa-se ao espelho, ajudada por Domingas, que lhe ajeita o toucado alto.)

MARQUESA — Não me penteou hoje bem o Frascatti.